



Maré fantasma

Situação atual, desafios e soluções
para a pesca fantasma no Brasil



PROTEÇÃO
ANIMAL MUNDIAL



Sumário executivo

Pelo menos 640.000 toneladas de equipamentos – ou petrechos – de pesca (redes de emalhar e de arrasto, varas, linhas, anzóis, espinhéis, armadilhas de covos, potes, entre outros) são abandonados, perdidos ou descartados (PP-APD) nos oceanos a cada ano. Esses equipamentos, denominados de petrechos fantasmas, acabam aprisionando e mutilando milhões de animais marinhos - incluindo espécies ameaçadas de baleias, focas, tartarugas, peixes e crustáceos.

O fenômeno é conhecido como “pesca fantasma” e, na maioria dos casos, traz uma morte lenta e dolorida por afogamento, sufocamento ou estrangulamento, ou causa lacerações, infecções e danos que interferem no comportamento e na capacidade dos animais de evitar predadores.

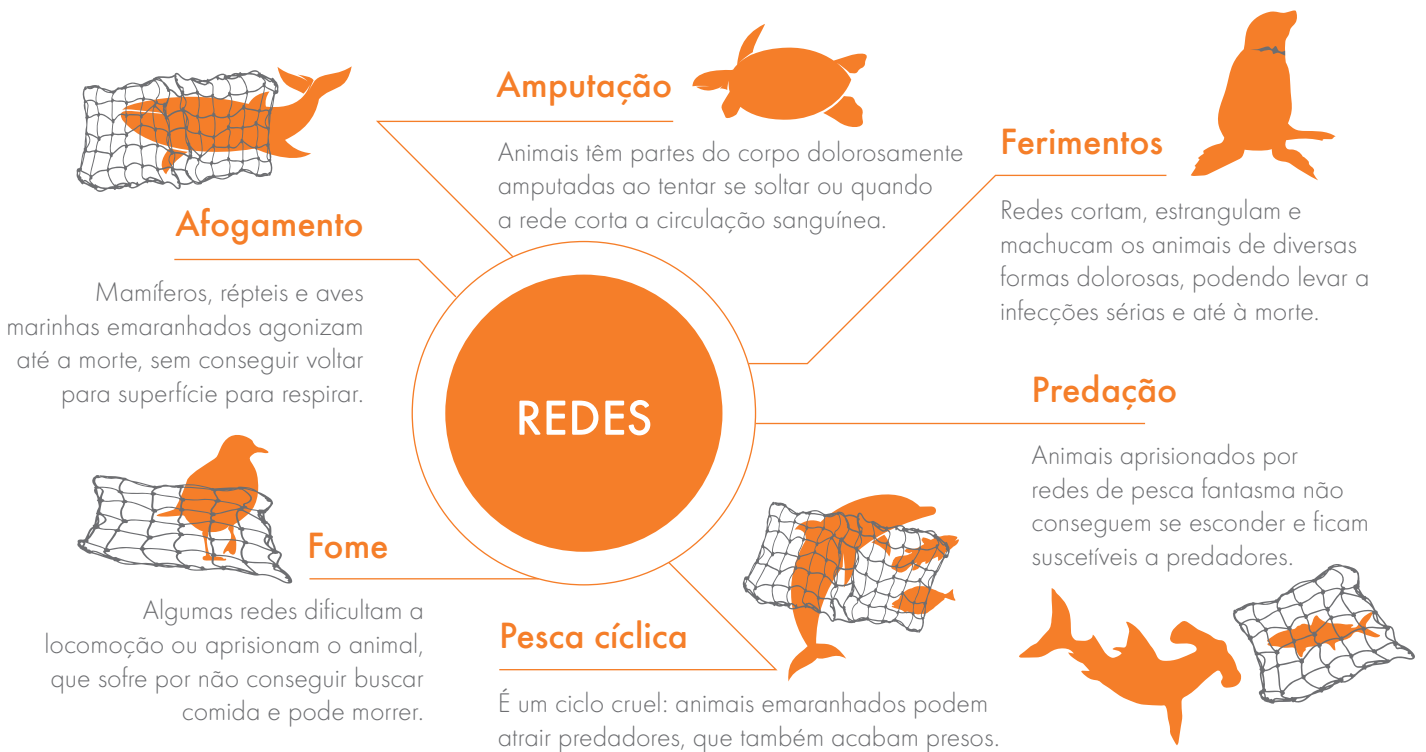
Um petrecho realiza pesca fantasma até se tornar inativo (por degradação, grande exposição ao sol, atrito, salinidade, etc.), o que pode demorar centenas ou até milhares de anos para ocorrer. Vale lembrar que mesmo após inativos, os petrechos continuam liberando microplásticos e componentes químicos no ambiente marinho, contaminando o fundo oceânico, a água e os organismos aquáticos.

Outro problema é que a pesca fantasma se torna cíclica, principalmente pela durabilidade dos petrechos. Linhas de nylon podem durar séculos no ambiente, tornando os petrechos fantasmas elementos de alto risco para a fauna por muitos anos. Os animais presos podem servir para atrair outros animais, especialmente os detritívoros (animais que se alimentam de restos orgânicos de origem vegetal ou animal). Estes animais também acabam emaranhados nos petrechos, levando-os a morte e atraindo mais indivíduos. Esse ciclo só se encerra quando o petrecho fantasma é retirado ou degradado.

A pesca fantasma também prejudica a viabilidade da atividade pesqueira, pois aprisiona e mata uma quantidade enorme de espécies marinhas que poderiam ser capturadas de forma regular por pescadores. Os petrechos enroscam na hélice de embarcações, comprometem a segurança de banhistas (podendo causar afogamento e/ou morte) e geram gastos com logística de busca e recuperação. Em alguns casos, o prejuízo pode ser de milhões de dólares.

Petrechos fantasmas: majoritariamente um problema de plástico

O plástico, presente na composição de muitos dos petrechos fantasmas, também é prejudicial à vida nos oceanos. Quando engolido, causa desnutrição, bloqueio digestivo e debilita a saúde dos animais marinhos.





O volume de plástico gerado por petrechos fantasmas é impressionante. Alguns tipos podem resistir até 600 anos nos oceanos e representam uma grande ameaça ao ambiente marinho. Devido à composição, ao pequeno tamanho, ao longo tempo de exposição no ambiente marinho e à área de superfície, os microplásticos (fragmentos de plástico menores que 5 mm, originados da decomposição de plásticos maiores) podem ter poluentes orgânicos aquáticos

e metais pesados aderidos à sua superfície. O nível de toxicidade ainda não é totalmente conhecido, mas poderia causar impacto no desenvolvimento embrionário, alterações em perfis genéticos e perturbações hormonais. Além disso, apresentam difícil degradação, se acumulam nas cadeias alimentares marinhas, e podem ser ingeridos pelas populações humanas.

Pesca fantasma no Brasil

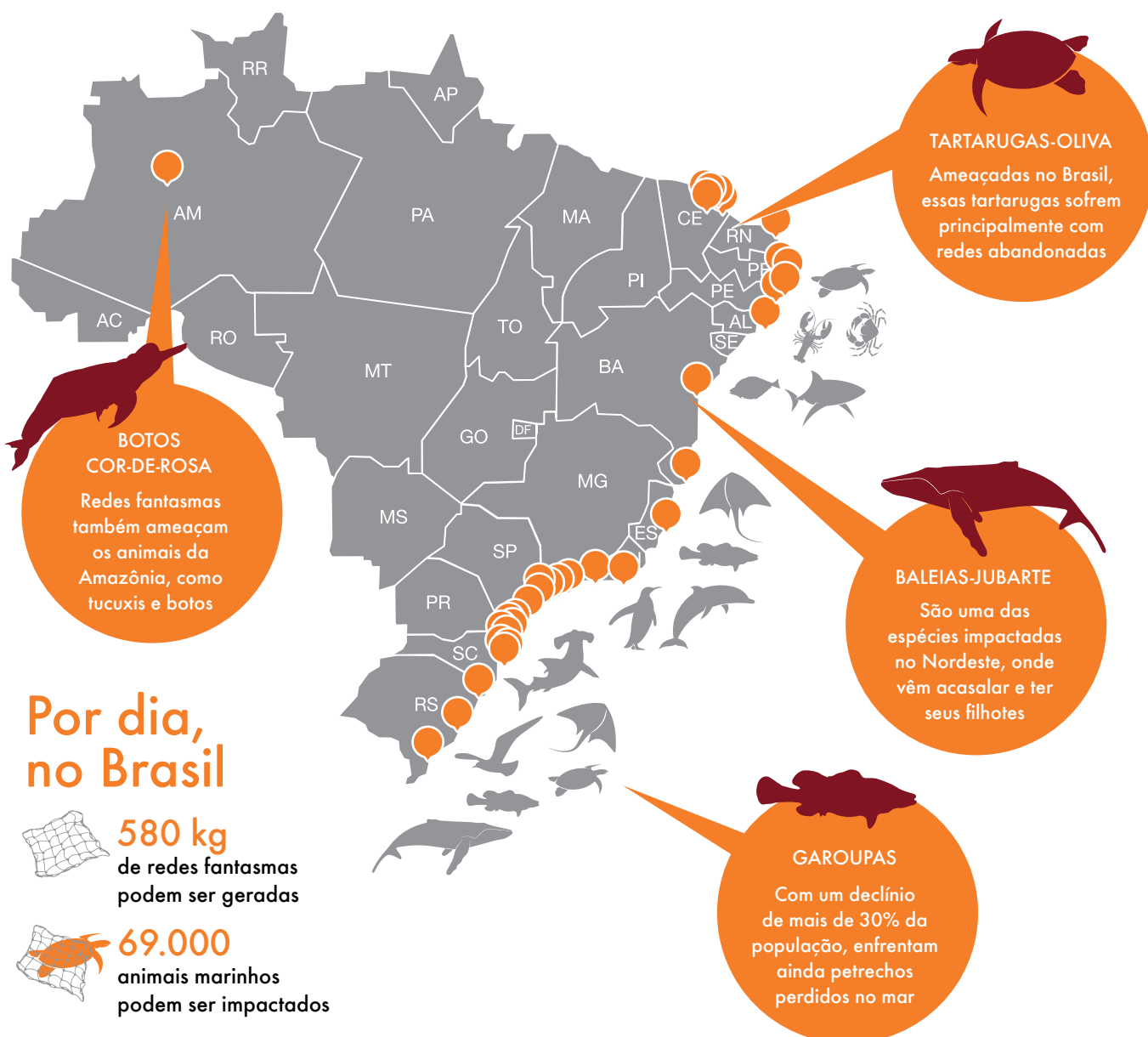
Os primeiros registros de petrechos fantasma na costa brasileira surgem na década de 90, através de estudos de levantamento de lixo em praias. Os principais itens registrados foram cabos, redes, linhas de nylon, boias, atratores luminosos e isopor, presentes inclusive em áreas de importância ecológica - por abrigar bolsões de desova de tartarugas marinhas - e em praias pertencentes a Unidades de Conservação (UCs).

Os estudos com enfoque em petrechos e pesca fantasma se iniciaram no Brasil em 2009. Nesse mesmo ano também foi criado o Projeto Petrechos de Pesca Perdidos no Mar, um projeto pioneiro na mitigação dos petrechos fantasmas no Brasil. O objetivo é identificar, quantificar e mapear os petrechos fantasmas dentro das UCs (onde a pesca é proibida) e promover medidas preventivas dentro do setor pesqueiro e da indústria de suprimentos para a pesca.

Foto: World Animal Protection | Edson Chuck

O Brasil apresenta uma costa extensa com 7.379 quilômetros. No entanto, existe uma ausência de pesquisa dedicada à pesca fantasma. Apenas 3 estados (São Paulo, Santa Catarina e Rio de Janeiro) apresentam estudos consistentes, de cunho científico, envolvendo a realização de atividades focadas no registro subaquático e ou retirada de petrechos fantasmas. Juntando todo o conjunto de dados disponíveis - pesquisas científicas, relatos de agências de mergulho e ações de limpeza de praia, pode-se dizer que petrechos fantasmas já foram relatados em 12 dos 17 estados da costa do país, o que representa 70% do nosso litoral.

Também inexistem estudos que indicam a taxa de perda de petrechos na atividade pesqueira brasileira, seja ela industrial ou artesanal. Como alternativa, para a elaboração deste relatório dados da literatura serviram de parâmetro, quando utilizou-se a média de produção/importação de redes de pesca para a estimativa desta taxa de perda. Anualmente, produção e importação representam uma entrada de 6.618,37 toneladas de novas redes de pesca no Brasil, que podem gerar mais de meia tonelada (aproximadamente 580 kg) de petrechos fantasma por dia no país. Essa quantidade de petrechos fantasmas pode impactar mais de 69 mil animais marinhos por dia (25 milhões por ano).



Por dia, no Brasil

 **580 kg**
de redes fantasmas
podem ser geradas

 **69.000**
animais marinhos
podem ser impactados

Pesca fantasma na Amazônia

O estado do Amazonas representa a maior rede hidrográfica do planeta, produzindo em média 67 mil toneladas/ano de pescado extraído dos rios. Mesmo com uma extensa utilização de diferentes petrechos de pesca na região amazônica, estudos que abordem a pesca fantasma são inexistentes. Porém, os impactos na fauna amazônica devido à intensificação do uso de redes de emalhe já é o fator de maior pressão para as duas espécies de boto da região – o boto-cor-de-rosa (*Inia geoffrensis*) e o tucuxi (*Sotalia fluviatilis*) –, resultando em redução drástica de suas populações.



Foto: World Animal Protection

Pesca ilegal, não declarada e não regulamentada: duplamente perigosa



Foto: Projeto Tamar Brasil | Marine Photobank

A pesca IUU* é ilegal e altamente lucrativa, e as empresas envolvidas fazem tudo o que podem para evitar sua detecção ou captura, incluindo o abandono dos equipamentos de pesca utilizados. Pescarias IUU também são menos propensas a relatar o equipamento perdido por condições adversas ou erro do usuário e é improvável que usem equipamentos de pesca marcados. Infelizmente não existem estudos que dão a real dimensão da situação da pesca IUU no Brasil, o que não permite ter certeza sobre as áreas onde ocorrem mais intensamente e o quanto está afetando a vida marinha.

No Brasil a IUU é alarmante, e vem impactando milhares de espécies marinhas, inclusive nas unidades de conservação da natureza, onde a sua preservação estaria garantida por lei. Estudos contabilizam mais de 6 toneladas de PP-APD retirados de UCs de proteção integral localizadas na costa de São Paulo e Santa Catarina, demonstrando o imenso impacto da IUU.

*IUU na sigla em inglês



Um problema de proporções globais

Os impactos da pesca fantasma são surpreendentes e afetam o planeta em escala global. Os registros de interação de petrechos fantasmas com animais se concentram principalmente nos peixes, crustáceos e na megafauna marinha como tartarugas, leões-marinhos, focas, golfinhos, baleias e outros.

45% de todos os mamíferos marinhos que constam na Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da União Internacional para Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN) sofrem impacto causado por petrechos de pesca perdidos ou abandonados. Estima-se que 5 a 30% do declínio populacional de algumas espécies tem relação com pesca fantasma.

Os petrechos fantasmas também são extremamente prejudiciais para os habitats marinhos e para a sustentabilidade da pesca, visto que o declínio populacional apontado anteriormente dificulta a captura de várias espécies de valor comercial.

O microplástico derivado da decomposição dos petrechos fantasmas já pode ser encontrado em praticamente todos os oceanos. O sudoeste do Pacífico vem apresentando quantidades surpreendentemente altas para lugares remotos e não industrializados, como Tonga, Rarotonga e Fiji. Além disso, os efeitos a longo prazo dos microplásticos na alimentação humana é preocupante.



Soluções para a pesca fantasma no Brasil

Apesar da pesca fantasma ser um problema complexo, a sua solução é possível, mas depende do envolvimento amplo da sociedade, em especial de governos, da indústria de pesca e demais atores que realizam a pesca - como pescadores tradicionais e amadores -, e finalmente das redes de supermercado e dos consumidores de pescado.

Governos têm a capacidade para investir em pesquisa científica voltada para a geração de conhecimento em escala sobre a pesca fantasma no Brasil, assim como para incentivar a inovação e o desenvolvimento de novos materiais biodegradáveis que podem servir de insumo para a produção de equipamentos de pesca mais sustentáveis. Governos também possuem papel central e protagonismo no desenvolvimento e implementação

de políticas públicas (gestão responsável de resíduos e equipamentos de pesca fora de uso), legislação e fiscalização capaz de ordenar e garantir as boas práticas da sociedade no que tange a pesca responsável e o combate à pesca fantasma.

A indústria de pesca, aqui considerando toda a cadeia produtiva - desde as empresas que efetivamente realizam a pesca até os grandes processadores e comercializadores de pescado, podem contribuir para o combate à pesca fantasma no instante em que decidem pela adoção e incorporação do problema à estratégia corporativa, implementando políticas e rotinas efetivas, internas e junto a todos os fornecedores, que se veem no dever de atualizar suas práticas.



Foto: World Animal Protection

Exemplos de ações possíveis são: gestão responsável dos petrechos de pesca; desenvolvimento e capacitação de funcionários e fornecedores; adoção de políticas de logística reversa e economia circular; investimento em transparência, processos de auditoria e relatórios anuais de sustentabilidade corporativa; utilização de equipamentos de pesca produzidos a partir de materiais biodegradáveis, utilização de petrechos com marcação e rastreabilidade, dentre outras.

E neste campo é sabido que ainda há muito o que se fazer: em relatório de 2018 intitulado “Fantasmas Sob As Ondas”, a Proteção Animal Mundial revelou o baixo - ou inexistente - engajamento das principais empresas pesqueiras do mundo na agenda marinha. Pouco está

sendo realizado para combater de forma contundente a pesca fantasma nos oceanos.

Pescadores tradicionais e amadores também podem e devem contribuir para a solução da pesca fantasma, especialmente porque a pesca tradicional é bastante relevante no cenário nacional, no caso da região Nordeste pode representar mais de 90% da produção de pescado. Medidas simples, como a identificação e a marcação de petrechos de pesca com as informações do proprietário, ou até mesmo a utilização de petrechos incorporados de sinalizadores do tipo GPS, que permitem identificar a localização do equipamento no mar, já significariam uma grande contribuição para a redução da pesca fantasma.

Finalmente, as *redes de supermercado e os consumidores de pescado* (guardadas as devidas particularidades), ambos localizados na ponta final da cadeia, na posição de compradores/clientes, são capazes de contribuir com a solução para a pesca fantasma por meio do consumo consciente. Seu poder de compra pode gerar novas lógicas para o mercado de produtos oriundos da pesca, com capacidade de exigir boas práticas de grande parte da cadeia produtiva e de fornecimento, com impactos positivos em termos de redução da pesca fantasma, podendo reduzir drasticamente problemas ligados ao sofrimento, morte e conservação dos animais aquáticos. A mudança nos padrões de consumo depende do aumento dos níveis de transparência da informação existente nos rótulos dos produtos (o que pode ser exigido por meio de legislação), que por sua vez podem ter como aliados os processos de certificação.

O envolvimento da aldeia global no combate à pesca fantasma ainda precisa aumentar, mas já é possível identificar uma série de iniciativas positivas de países, organizações intergovernamentais (ONU/FAO), empresas, organizações não-governamentais, ações independentes (ex. manifestações e mutirões de limpeza de praia), dentre outros, que juntos constituem um movimento crescente em prol da proteção dos oceanos e da vida marinha.

No Brasil alguns projetos merecem destaque. No campo institucional, o projeto Petrechos de Pesca Perdidos no Mar, ligado ao Instituto de Pesca de São Paulo, tem como grande objetivo mapear e detectar PP-APD nos oceanos - em especial em unidades de conservação do estado de São Paulo, e removê-los para evitar a pesca fantasma. Em grande medida, é responsável pela maior quantidade de dados disponíveis sobre o tema para o estado de São Paulo.

Na esfera (inter)governamental, recentemente - setembro de 2018 - o Brasil/Ministério do Meio Ambiente, impulsionado pelo terceiro setor, conseguiu que a Comissão Baleeira Internacional (IWC, na sigla em inglês) adotasse uma resolução de combate à pesca fantasma, e de agora em diante esta comissão precisará dedicar recursos e tempo para reduzir o emaranhamento de baleias em petrechos de pesca fantasma.

No estado do Rio de Janeiro, cidade de Niterói, uma iniciativa de mergulhadores, intitulada projeto Pescando Limpo, por alguns anos dedicou esforços para mapear e remover petrechos fantasmas de áreas protegidas, mais especificamente a Reserva Extrativista Marinha de Itaipu, mas por falta de apoio e recursos necessitou encerrar os trabalhos. Assim como essa, outras iniciativas impulsionadas por mergulhadores costumam ocorrer pontualmente ao longo da costa brasileira, mas é comum terem dificuldades para comunicar as suas ações e terem que finalizar as atividades por falta de recursos.

No que tange as iniciativas do terceiro setor para o combate da pesca fantasma, no Brasil a Proteção Animal Mundial vem desempenhando um papel de liderança. Em junho de 2018, em parceria com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), a organização não-governamental realizou uma ação de limpeza subaquática em UC de proteção integral localizada no litoral de Santa Catarina, a Reserva Biológica Marinha do Arvoredo, quando foram recuperados aproximadamente 50 kg de redes de emalhe. Em setembro, a Proteção Animal Mundial auxiliou o governo brasileiro na adoção pelo IWC da resolução de combate à pesca fantasma.





Na esfera internacional, mas também com repercussões no Brasil, a ONG lidera a Iniciativa Global de Combate à Pesca Fantasma (GGGI na sigla em inglês), que constitui a primeira aliança intersetorial – reunindo a indústria de pesca, o setor privado, academia, governos e organizações intergovernamentais e não-governamentais – comprometida em desenvolver e impulsionar soluções para a pesca fantasma. Fundamentada em dados científicos atuais e tecnologia, o GGGI tem como objetivos melhorar a saúde do ecossistema marinho, evitar o sofrimento e a morte dos animais marinhos e garantir a saúde humana e os meios de vida das populações. É constituído por três grupos de trabalho: Levantamento de Evidências; Definição de Boas Práticas e Subsídio à Elaboração de Políticas; Promoção e Difusão de Soluções.

Existe um grande risco de que nossos oceanos simplesmente entrem em um importante desequilíbrio e parem de prestar serviços ambientais e fornecer recursos ao ecossistema e aos seres humanos. Por isso, é preciso impedir o acúmulo de mais lixo plástico e petrechos fantasmas e dar prioridade ao combate da pesca fantasma, devido à sua ligação com outras questões-chave que afetam a saúde dos oceanos e a sustentabilidade das atividades humanas: poluição e a redução na qualidade da água e dos ambientes marinhos, impactos em conservação da biodiversidade e em bem-estar animal – os petrechos fantasmas são geradores de altos níveis de sofrimento animal –, geração de (micro) plástico, segurança alimentar, segurança para a navegação, dentre outros.



PROTEÇÃO
ANIMAL MUNDIAL

 **World Animal Protection**
Av. Paulista, 453 - conj.
32 e 34 São Paulo (SP)
Brasil - CEP 01311-000

 **T:** +55 11 2344-3777
 **E:** info@worldanimalprotection.org.br
 **www.protecaoanimalmundial.org.br**